

Suplemento de Figuras e Factos

Mensal | Ano 15 | N.º 117 | distribuição gratuita | Revista Municipal

António Couto e Vasconcelos, o “Capitão de Lagoas”

*Luís Ângelo Fernandes**

LOUSADA EM 1914

O ano de 1914 – exatamente há 100 anos – começou em Lousada sob maus auspícios. Um forte temporal fustigou o concelho e um violento ciclone derrubou telhados, chaminés, ramadas e muitas árvores, sendo grande a devastação. Na Vila, os maiores estragos foram no templo do Senhor dos Aflitos e nos Paços do Concelho. Apesar de tudo, não houve registo de danos pessoais (CP, 28/2/1914: 3).

A nível político, o ambiente também não era propriamente pacífico. O Supremo Tribunal Administrativo acabava por validar as eleições municipais, gorando as expectativas do Partido Democrático local, que punha em causa a substituição dos lugares vagos na vereação e apontava outras alegadas ilegalidades durante o ato eleitoral. A Câmara decidira consultar o Ministro do Interior, mas as pressões dos democráticos chegaram mesmo a Lisboa e o caso seguiu as vias judiciais (JL, 22/2/1914: 1; 8/3/1914: 1).

Entretanto, o executivo municipal solicitava ao Governo a realização de um novo recenseamento da população, pois o efetuado estaria diminuído em cerca de 3.000 pessoas, pedido que veio a ser indeferido (CP, 22/7/1914: 3; 16/12/1914: 3).

Mas houve outros acontecimentos mais animadores: no caminho-de-ferro de Penafiel à Lixa teve a inauguração de mais dois troços (Lousada-Santa Margarida e Santa Margarida-Longra) (Ferreira, 2000: 53); eram realizadas diligências



Fig. 1 - António Couto e Vasconcelos ainda Alferes de Infantaria.

para a criação de uma banda de música (o concelho não dispunha de nenhuma, após recentemente ter duas em atividade) e o “Jornal de Lousada” iniciava uma subscrição para a aquisição de fardamento e instrumental (Jornal de Lousada: 1/11/1914: 2; 29/11/1914: 2); principiou o ajardinamento do Monte Senhor dos Aflitos, sob a orientação do pessoal de Alfredo Moreira da Silva, horticultor do Porto (CP, 13/6/1914: 3), e o Senado Municipal criava o ensino noturno em Casais, Lodares e Nespereira, sob a direção pedagógica do Prof. Joaquim da Costa Machado (CP, 30/12/1914: 3). Entretanto, o Dr. Duarte Leite, com residência na Casa de Vila Pouca, em

Meinedo, iniciava funções diplomáticas no Brasil e o Prof. Dr. Marnoco e Sousa, natural de Sousela, último Ministro da Marinha e do Ultramar no regime monárquico, aderiu ao Partido Republicano Português. Sinais dos tempos, como foram, também, os trabalhos para a construção, em Silvares, de uma carreira de tiro (CP, 23/9/1914: 3).

Na Europa, as tensões acumulavam-se e o atentado, em Sarajevo, que vitimou o Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, precipitou a Primeira Guerra Mundial. Esperava-se uma guerra rápida, mas veio a prolongar-se por quatro anos, com consequências devastadoras, incluindo para Lousada.

Por objetivos nacionais e estratégias políticas

* Professor. Mestre em Educação e Bibliotecas.

tilhas, ficou senhor da propriedade da Corredoura, com metade dos rendimentos para o pai e uma reserva para as irmãs solteiras.

NA GUERRA DAS TRINCHEIRAS

Foi logo depois que integrou o C. E. P.. Embarcou de Lisboa no vapor D em finais de Janeiro de 1917, permanecendo em França até Setembro do mesmo ano, altura em que foi nomeado instrutor de oficiais na Escola do C. E. P., até Março de 1918, data em que foi de novo enviado para a frente de combate. “Front” como então se dizia. (Fig. 2)

Era um novo tipo de guerra, muito mais mortífera e cruel, na qual as formas de combate conheceram uma profunda mutação, devido à terrível eficácia do armamento. A defesa tornou-se mais forte que o ataque. A guerra de posição sobrepujase à guerra de movimento (L’Histoire, 2013: 14-15). Os soldados, remetidos em trincheiras que eles próprios cavavam, resguardadas por arame farpado, estavam expostos a um quotidiano terrível, no meio da lama, da água, do frio, da doença, da morte, dos bombardeamentos e tiros da metralha. E dos gases tóxicos, outra das sinistras inovações.

O inverno na Flandres foi invulgarmente prolongado e rigoroso, com temperaturas de quase 20.º negativos. “Nas primeiras marchas para a frente, alguns soldados caem pelas valetas das estradas coalhadas de neve, hirtos, enregelados, quasi mortos” (Pestana Marques, 2008: 69).

Com a intensificação dos combates, desgastantes e infernais, o número de mortos e estropiados tornou-se impressionante. A primeira estrofe do poema de Marco Sire, Cherbourg, registado por António Couto e Vasconcelos, resume bem a angústia dos combatentes perante os camaradas abatidos:

*“Eles jazem aqui, no horror da fria terra,
Distantes do seu Lar!
Deixaram, tristemente, um dia, o val’ e a serra
E vieram cair, prostrados, nesta guerra,
E dormem!... e ninguém os pode despertar!”*

A 9 de Abril de 1918 trava-se a batalha de La Lys, saldada por enorme tragédia para as tropas portuguesas, que, em cerca de quatro horas de combate violentíssimo e desproporcional (Pestana Marques, 2008: 383), perderam cerca de 7.500 homens, entre mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos, entre os quais 327 oficiais. Constituiu, no entanto, uma resistência fundamental para o retardamento da progressão alemã e para o socorro ou reposicionamento das forças aliadas (Pestana Marques, 2008: 383, 384). António Couto e Vasconcelos caiu prisioneiro dos alemães. Quando capturado, recusou socorrer um soldado alemão ferido, no respeito pelo código

marcial que impedia um oficial tratar um soldado inimigo. Coagido, fê-lo com elevado desvelo e humanismo, vindo mesmo a criar uma forte empatia com Érich Steffenshoff, o militar assistido (Fig. 3), a tal ponto de os contactos prosseguirem muito após o fim do conflito, com troca de fotos e de correspondência.

NOVAMENTE EM PORTUGAL

Quando libertado, ao fim de nove meses, já havia sido promovido a Tenente, sendo novamente encaminhado para França, em janeiro de 1919, para o serviço de estatística do Corpo Expedicionário, o que cumpriu até agosto, prosseguindo depois em Lisboa até março de 1920. Nesta data, foi colocado no Regimento de In-

fanteria n.º 32, em Penafiel, e nomeado diretor da Carreira de Tiro Civil de Cinfães.

Em 1921 casou com D. Maria Amália Nunes Pereira, indo ambos viver para Vinça, freguesia de Casais, Lousada (Fig. 4), exatamente em frente onde, anos antes, um prestigiado Colégio formou parte da elite da região.

Quatro anos volvidos, transitou para o Distrito de Recrutamento e Reserva, em Penafiel, sendo ali promovido a Capitão. Pouco tempo permaneceu, quer pelo destacamento para Infantaria 2, em Abrantes, quer, quando regressou, por uma queda na eira da sua propriedade, de que resultou



Fig. 3 - O soldado alemão socorrido. No verso da foto, a dedicatória: “Recordação da Grande Guerra e de um soldado alemão, ferido em 9 de abril de 1918, e salvo pelo Sr. Vasconcelos. Os meus agradecimentos.”



Fig. 4 - Casa do Alto de Vinça



Fig. 5 - Cap. António Couto e Vasconcelos (foto sem data)

uma luxação escápulo-humeral, pela qual foi julgado incapaz para todo o serviço e reformado em Fevereiro de 1938.

Passou, desde então, a residir definitivamente em Alto de Vinça e a preocupar-se exclusivamente com a educação dos seus 14 filhos.

Militar distinto, foi agraciado com o grau da Ordem Militar de Avis e as Medalhas Militares de Comportamento Exemplar, da Vitória e da batalha de La Lys.

Exerceu, igualmente, o cargo de Administrador do Concelho de Lousada.

Quando faleceu, na sua residência, em 21 de março de 1965, com 82 anos de idade, o “Capitão de Lagoas”, como popularmente ficou conhecido, encerrava uma intensa história de vida.

Para a Primeira Guerra partiram também muitos outros lousadenses, que sofreram, igualmente, as

aguras de um conflito sem precedentes. Sete deles morreram: José Ferreira (de Meinedo), António Machado (Aveleda), Francisco Teixeira (Boim), José António Monteiro (Lustosa), José Ferreira Pinto (Meinedo), Manuel Nunes (Casais) e Augusto Nunes (Santo Estêvão) (Ribeiro, 1999: 36).

O primeiro combatente do concelho foi António Pacheco Dias de Beja, natural de Santo Estêvão. Era empregado de armazém no Porto e alistou-se como voluntário, chegando à frente de combate em março de 1916 (JL, 12/5/1918: 2).

Mas os que ficaram sentiram a miséria, a fome, a escassez de géneros e a degradação das já depauperadas condições de vida, que não cessaram logo após o fim do conflito.¹ E o caminho-de-ferro de Penafiel à Lixa, projeto visionário que agora seria o metro de superfície da região, ficou, também, ferido de morte.

Fontes e bibliografia

Arquivo de Família do Capitão António Couto e Vasconcelos. CP - Comercio de Penafiel. Penafiel: 28/2/1914: 3; 13/6/1914: 3; 22/7/1914: 3; 23/9/1914: 3; 16/12/1914: 3; 30/12/1914: 3.

FERREIRA, J. F. C. (2000). *O caminho-de-ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios* (3ª ed.). Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

JL – Jornal de Lousada. Lousada: 22/2/1914: 1; 8/3/1914: 1; 27/3/1965: 2; 1/11/1914: 2; 29/11/1914: 2; 12/5/1918: 2; 25/5/1919: 1-2.

L' Histoire. Les Collections. Paris: Octobre 2013.

PESTANA MARQUES, I. (2008). *Das Trincheiras com Saudade. A vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial.* Lisboa: A Esfera dos Livros.

RIBEIRO, L. (1999). *O Século XX em Lousada. 100 Factos e Personalidades.* Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

SEVERIANO TEIXEIRA, N. (2003). Portugal e a Grande Guerra. In *Nova História Militar de Portugal*. Dir. de Manuel Themudo barata e Nuno Severiano Teixeira. Lisboa: Círculo de Leitores.

Vida Nova. Senhora Aparecida: 1/2/1928: 1

Agradecimento

Agradecemos ao Sr. José Maria e Vasconcelos e à Dr.ª Helena Vasconcelos todas as facilidades concedidas no acesso à documentação do seu pai e avô.

¹ “Algumas pessoas já morreram, outras vagueiam pelas ruas implorando esmola, outras abandonam o trabalho por falta de forças, num quadro de muita miséria e humilhação.” (JL, 25/5/1919: 1-2)